

OS ESCRITOS PAULINOS E A MODERNIDADE LÍQUIDA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS DESTINATÁRIOS DAS CARTAS PAULINAS E O HOMEM PÓS-MODERNO

Paul's writings and the liquid modernity:

A comparison between the addressees of Paul's letters and the postmodern man.

Flavio Salcedo Rodrigues Moreira

Martin Kuhn

Resumo

Este artigo trabalha uma discussão sobre as similaridades do comportamento religioso dos destinatários das cartas de Paulo e do homem pós-moderno. Baseado no conceito de que “nada há novo debaixo do sol” (EC. 1:9) e de que o homem possui os mesmos anseios e padrões de comportamento religioso no decorrer da história, o presente trabalho elenca a partir das cartas paulinas características religiosas do comportamento humano durante o primeiro século e os compara com o comportamento religioso do homem pós-moderno. Para isto, utilizamos autores que fazem um estudo dos escritos paulinos e do contexto cultural/religioso daquela época. Após, utilizamos Bauman e sua concepção de modernidade líquida, observando os conceitos de religiosidade de sua teoria. Por fim, chegamos à conclusão de que há no ser humano padrões de comportamento religioso que se mantêm ao passar dos séculos e que devem ser levados em conta ao desenvolvermos esforços de pregação do evangelho.

Palavras-chave: Pregação Cristã. Modernidade Líquida. Comportamento Religioso.

Abstract

This article deals with a discussion of the similarities of the religious behavior of the recipients of Paul's letters and the post-modern man. Based on the concept that "there is nothing new under the sun" (EC 1: 9.) and that man has the same concerns and patterns of religious behavior throughout history, the present work lists from the Pauline letters religious characteristics of human behavior during the first century and compares them with the religious behavior of the post-modern man. For this, we use authors who make a study of the Pauline writings and the cultural and religious context of the time. After, we use Bauman and his conception of liquid modernity, observing the concepts of religiosity of his theory. Finally, we conclude that there is in human patterns of religious behavior that keeps the passing centuries and that must be taken into account when developing efforts of preaching the gospel.

Keywords: Christian Preaching. Liquid Modernity. Religious Behaviour.

Considerações Iniciais

Este artigo faz uma análise comparativa entre o comportamento religioso do homem do primeiro século, descrito nas cartas Paulinas, e do homem atual, inserido no contexto da modernidade líquida. Para tanto, foi tomado como problema de pesquisa: o comportamento e os anseios religiosos do homem têm mudado tão drasticamente com o passar dos séculos ou ele apresenta necessidades e compreensões que se mantêm ao longo dos séculos?

Tal questão é de suma importância no desenvolvimento de métodos para pregação Cristã. Em Mateus 28:19-20 Jesus dá uma ordem: “Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a observar todas as coisas que vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos”. Tem-se uma ordem a cumprir, “até a consumação dos séculos”. Mas muitos perguntam se os métodos utilizados para concluir esta missão devem ser os mesmos utilizados pelos precursores desta obra. Há quem diga que a mensagem, assim como os métodos, devem ser adaptados para atingir as pessoas em épocas diferentes¹. Pessoas com um pensamento tão distante daquele dos ouvintes do primeiro século. Mas será isto verdade? É neste ponto que se torna relevante tal estudo. Se for verificado que há similaridades entre o comportamento religioso do homem do primeiro século e do homem da modernidade líquida, poderemos fazer como Paulo, ao desenvolvermos nossos esforços missionários, nada mais saber “senão Jesus Cristo, e este crucificado”.

Neste contexto, com o objetivo de verificar se a religiosidade humana tem necessidades e compreensões que se mantêm ao longo dos séculos e avaliar se a religiosidade do homem pós-moderno é similar a do homem bíblico, faremos uma análise de escritos de Paulo que apresentam informações sobre a religiosidade dos destinatários de suas cartas. Faremos uma análise comparativa do contexto de alguns versículos previamente escolhidos comparando estas informações com o perfil do homem pós-moderno.

¹ GRENZ, Stanley. *Pós-Modernismo* – Um guia para entender a filosofia de nosso tempo. São Paulo: Vida Nova, 2008.

Pós-Modernidade ou Modernidade Líquida – O que é Pós-modernidade

Como o próprio termo retrata, a pós-modernidade é um momento/contexto que sucede a modernidade. Tanto a modernidade quanto a pós-modernidade se caracterizam mais por fazer parte de um contexto filosófico-social do que por representar um período histórico. Claro que estes contextos filosóficos estão situados na linha de tempo da humanidade. Muitas vezes décadas, e até mesmo séculos, são representados e compreendidos por estas nomenclaturas.

A pós-modernidade costuma ter seu início inserido no período do pós segunda guerra mundial da década de 50. Vale ressaltar que após o período das grandes guerras a posição do homem como “sujeito histórico” foi posta em cheque. O homem já não era mais visto como capaz de dirigir o destino da humanidade. Assim iniciou-se um período de crítica às premissas que tinham sido impostas pela modernidade. No final dos anos 60, críticas a modernidade ressurgiam, advindas do ciclo vicioso pós fordismo, que cominou em uma crise econômica. A partir de 1973, o mundo capitalista entrou em grande depressão, o que resultou em uma crise no bem estar social e em questionamentos sobre a centralidade do trabalho como fator maior de análise para a sociedade.²

A partir destas críticas o pensamento pós-moderno, segundo Baumgarten³, traz ao debate quatro questões fundamentais: 1ª, fim das certezas, onde na ruptura da modernidade, o futuro é tido como imprevisível; 2ª, Fim das ilusões, o progresso não caminha junto a moral, valores éticos e solidariedade; 3ª, Fim dos determinismos, tecnológicos, econômicos e políticos imperando as escolhas individuais e a indeterminação social; e a 4ª, Era do pós-dever, onde predomina o hedonismo e o individualismo, desprivilegiando a razão e privilegiando o desejo.

Um momento histórico que representou o estabelecimento da pós-modernidade foi a queda do muro de Berlim. A queda do muro ilustra a queda dos valores ideológicos concretos que vigoraram durante o período moderno. A visão cartesiana de do mundo já não representava a forma de pensar desta nova sociedade que surgia: a sociedade pós-

² BAUMGARTEN, Maíra. *Pós Modernidade e Conhecimento* – educação, sociedade, ambiente e comportamento humano. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005, p. 1.

³ BAUMGARTEM, 2005, p. 9.

moderna. Onde não há o certo e o errado, o sim e o não. “O pós-modernismo pôs de lado a verdade objetiva, ao menos o entendimento clássico a seu respeito”⁴. Há o talvez e múltiplas verdades que podem ser acolhidas dependendo da situação. Tendo isto em vista, Zigmunt Baumann cunhou o termo “modernidade líquida”. Bauman acredita que ao tomar os líquidos como ilustração conseguirá expressar da melhor forma o espírito desta modernidade em que vivemos:

Os fluidos se movem facilmente [...], diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontram, se permanecem sólidos, são alterados. [...] Essas são razões para considerar a “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza presente hoje, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade⁵.

Mesmo com esta visão de liquefação apresentada por Bauman⁶, o autor coloca este fator como presente, e até iniciado, dentro da própria modernidade. Todo este processo culminou em um homem com uma forma líquida de pensar. Devido às críticas existenciais levantadas durante a segunda metade do século 20 este homem já não possui certezas absolutas. A verdade também é líquida e é aquela adequada ao momento. Com o final do século 20 vieram não só críticas, mas outro processo: a globalização, agora há o acesso não só a informação, mas a múltiplas formas culturais e a diferentes cosmovisões. Nunca antes foi tão fácil escolher qual seria a sua verdade. Para Baumgarten “O agudizamento da tendência de individualização da modernidade conduz a um “processo de personalização”, em que o indivíduo passa a ser depositário cada vez mais absoluto do poder/responsabilidade por sua vida, seu êxito”⁷. Isso se reflete em sua visão de mundo e também na sua forma de compreender a religiosidade. A religião também passa por este “processo de personalização”. Assim como cada sujeito decide os rumos de sua vida, também decide as formas e métodos religiosos que farão parte dela.

⁴ GRENZ, 2008, p. 233.

⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 8-9.

⁶ BAUMAN, 2001, p. 9.

⁷ BAUMGARTEN, 2005, p. 6.

Religiosidade e pós-modernidade

O que é religiosidade?

Querer definir precisamente algum conceito ou estabelecer uma verdade nos tempos pós-modernos pode parecer estranho. Vivemos na época da descrença das metanarrativas: “Na atualidade pós-moderna, constatamos que as metanarrativas de caráter religioso e o discurso a respeito de um fim da metafísica proclamado pelo iluminismo estão se derretendo, como de resto, outras verdades consideradas absolutas até então”⁸. Mas para compreender melhor a proposta deste artigo, é necessário que se façam algumas colocações que constituirão as bases deste estudo. Um ponto mais conservador é o de Alexander *apud* Baumam, que apresenta religiosidade como:

[...] o nome que damos à atividade que nos permite sentir que estamos em contato com esse mundo numênico ‘além de nós próprios’, que indubitavelmente é um mundo da imaginação, da fantasia projetada e da sensibilidade do espírito inconsciente. Neste sentido preciso [sic!], e em nenhum outro mais ontológico, a religião permite a transcendência⁹.

Existem as mais variadas formas de compreender a religiosidade. Todas elas derivadas da experiência e da compreensão vivenciadas por aqueles que a procuram compreender. Estas podem se expressar de muitas formas, através da emoção, confiança, medo, moral, ética. Bem como através de ações como cultos, rituais e festividades que envolvam aspectos sagrados se encontrando com profanos como uma oportunidade de transcendência.¹⁰

Aqui compreendemos que religiosidade é uma experiência que pode ser representada de diversas maneiras. Algumas vezes ela é compreendida através dos sentidos e outras através dos ritos e normas que seus seguidores praticam. Não importa qual seja a forma, através da religiosidade o homem procura transcender sua condição humana e encontrar o divino. Ainda nesta linha de raciocínio ligada ao transcendental, assim como Alexander *apud* Bauman, Castiñeiras afirma que a experiência religiosa implica em uma

⁸ GREUEL, Sigolf. *Religião e Religiosidade na Pós-Modernidade*. São Leopoldo, EST, 2008, p. 24.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 207.

¹⁰ GREUEL, 2008, p. 26.

ruptura de nível ontológica que são vivenciadas através de rituais rompendo o que é comum e habitual, e introduzindo uma realidade sagrada e transcendente¹¹.

Com esta visão, todo o conceito de religiosidade passa a ter o homem como “[...] a origem, o centro e o termo final da religião. O que era efeito será causa, e a causa será efeito. Deus é um produto humano, porque é a condição humana que dá origem à religião”¹². Sendo assim como essa necessidade pelo transcendental e pela experiência religiosa surgiu no homem? Segundo Greuel¹³ há três correntes de pensamento que podem nos auxiliar a compreender esta questão:

- 1) A experiência religiosa é o resultado da ação do sagrado: o sagrado se revelou a nós, despertando esta necessidade de interação.
- 2) A experiência religiosa faz parte da essência humana: o ser humano é religioso por natureza. Ele é o *homo religiosus*. a necessidade de relacionamento com o transcendente já está dentro de si.
- 3) A experiência religiosa é resultado do ambiente social: a religiosidade do homem vai ser exprimida de acordo com o ambiente social o qual ele faz parte. Esta corrente está baseada no seguinte ponto:

Vygotsky afirma que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento do indivíduo, nem são mero resultado das pressões do meio externo. Elas resultam da *interação dialética* do homem e seu meio sócio cultural. Ao mesmo tempo em que o ser humano transforma o seu meio para atender suas necessidades básicas, transforma-se a si mesmo¹⁴.

Sendo assim todas as formas de expressão religiosas são resultado da interação do homem com o ambiente social em que ele está inserido. Independente de qual corrente de pensamento seja escolhida, pode-se notar que há um novo panorama de compreensão da experiência e do comportamento religioso sendo formado na sociedade¹⁵. Esta nova configuração esta banhada, se não submersa, nos conceitos expressos pela pós-modernidade. Sendo assim, se faz necessário uma breve análise da compreensão religiosa dentro do contexto da pós-modernidade ou modernidade líquida.

¹¹ CASTIÑEIRAS, Àngel. *A experiência de Deus na Pós-Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 176.

¹² CASTIÑEIRAS, 1997, p. 70.

¹³ GREUEL, 2008, p. 26.

¹⁴ REGO, Maria Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 41.

¹⁵ GREUEL, 2008, p. 27.

A religiosidade na pós modernidade (religiosidade líquida).

Ao iniciarmos uma análise sobre a religiosidade na pós-modernidade devemos nos fazer as mesmas perguntas de Bauman: “O mundo que habitamos é mais religioso que costumava ser? Ou menos? Testemunhamos um declínio, uma redistribuição ou renascimento da religiosidade?”¹⁶. Ao entrar na pós-modernidade, ou modernidade líquida, encontramos ainda resquícios de uma sociedade influenciada pelo iluminismo.

O saldo da modernidade foi o rompimento com as instituições sociais e religiosas e o abandono da pessoa humana à sua própria consciência e à mercê de sua liberdade. E esta condição na qual o iluminismo colocou o ser humano, fez com que este reagisse no pleno uso de sua liberdade, e produzisse uma infinidade de manifestações religiosas jamais vistas até então¹⁷.

Então, ao invés de afastar o homem da religião, fez com que ele se aproximasse dela. Esta aproximação veio através da criação de religiões pessoais e das mais diversas formas e representações religiosas. Cada vez mais as religiões se tornam representações das religiosidades pessoais. Segundo Greuel “Elas são um retrato de como os diferentes grupos humanos assumiram para si a liberdade que a pós-modernidade lhes deu, para se articular e organizar a partir do fim das metanarrativas”¹⁸. A religião, antes defensora das verdades absolutas, padronizadora do comportamento social e fator central das sociedades se liquefez e abandonou seu papel central na vida humana. Ela é apenas uma muleta onde o homem se apoia para sanar sua necessidade de contato com o espiritual. Mas como a religião tem se tornado algo pessoal, os parâmetros para estabelecer as doutrinas e formas de expressão religiosa também são formadas pelo crivo pessoal. Para Greuel a concepção pós moderna sobrepuja a ideia de verdades absolutas e eternas aderindo ao relativismo e ao pluralismo científico e metafísico. Assim as verdades dependem do meio cultural e social “criando” assim várias verdades, incluindo em contextos religiosos.

Mesmo com o abandono das verdades absolutas, não há o abandono nem a extinção da religião. O que há agora é uma reconfiguração da religiosidade. Rabot afirma que:

¹⁶ BAUMAN, 1998, p. 206.

¹⁷ GREUEL, 2008, p 28.

¹⁸ GREUEL, 2008, p. 28-29.

O fim das grandes narrações não significa o fim de toda a capacidade de mitificar. A desestruturação dos valores cardinais da modernidade não significa o eclipse de todo o valor. A descrença num Deus transcendente, pessoal e criador não significa o desaparecimento de toda a religiosidade. Esta assume hoje em dia o caráter de uma «fé sem dogma» segundo a expressão do sociólogo italiano Franco Ferrarotti. Existem, como o afirma Denis Jeffrey, «deslocações da experiência do sagrado» (Cf.: 69), o sagrado manifestando-se assim sob as mais variadas formas¹⁹.

Como agora as verdades não são mais absolutas e universais elas passam a ser relativas e pessoais. Esse deslocamento da experiência do sagrado se dá pelo fato de que não são mais as instituições religiosas quem regulamenta esta experiência. Este poder de construção da religiosidade foi delegado a cada indivíduo. Isso coloca o homem como centro da religião. Ele é o regulamentador das práticas e doutrinas, é o homem que define as formas como a religião pode lhe ser vir e como ele se relacionará com o transcendental. Melchior²⁰ aponta que existe a formação de um “coquetel religioso” onde o homem vive sua religião como se estivesse em um restaurante com varias opções para escolher. Buscando satisfazer seus desejos e necessidades momentâneas. Criando uma religião personalizada e individualista.

E este tipo de comportamento vai mais além. De acordo com Melchior “Chegamos ao tempo em que a religião é de alguma tribo: surfistas, eskaístas, homossexuais, empresários liberais, etc”²¹. Assim, podemos concluir que na modernidade liquida a religião e a religiosidade humana não têm mais um papel de destaque, mas tem um papel periférico. Apesar de ser uma condição inerente ao ser humano, a religião não apresenta mais um caráter normativo, e sim volátil, se adequando aos gostos e necessidades individuais.

Os Escritos Paulinos

A época de Paulo

Paulo viveu no primeiro século. A grande nação dominante neste momento era Roma. Sua influencia ia até onde seus domínios se estendiam. Bruce lista algumas cidades antigas que exerceram certo tipo de poder sobre outras culturas, mas salienta que de todas

¹⁹ RABOT, 2009, p. 5.

²⁰ MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. A Religião Pós-Moderna em Zygmunt Bauman. In: XV Simpósio Nacional da Associação Brasileira da História das Religiões, 2009, Goiânia. Anais... Goiânia, UFG, 2009. p. 5.

²¹ MELCHIOR, 2009, p. 5.

as cidades que dominavam as terras do mediterrâneo, a que mais exerceu influência foi Roma. Sua rápida ascensão marcou profundamente a mente dos homens da antiguidade ²².

Além de exercer sua influência militar e política, Roma também deu sua contribuição religiosa para o mundo. Ela possuía uma religião derivada da cultura helenista, ainda muito presente nos povos do mediterrâneo. Além de “impor” sua religião aos povos dominados, Roma deu a eles a oportunidade de compartilhar seus traços culturais e religiosos. É o que poderíamos chamar de pré-história da globalização. Por todo o território romano, era possível a seus cidadãos transitar livremente, levando consigo bens, informações, e porque não, sua religião. Por tais motivos Segundo Dias, a globalização não pode ser classificada como fenômeno recente²³.

Com este raciocínio podemos perceber, por exemplo, que ser romano não era exclusivamente título de quem nasceu na cidade de Roma, mas uma condição daqueles que viviam sob o domínio, normas e cultura do império. Desta forma, a todos que estavam debaixo deste domínio, era possível absorver e compartilhar entre si os mais diversos conceitos culturais contidos no “mundo romano”. O mundo romano não apresentava uma homogeneidade de pensamentos sobre a religião e a religiosidade. Havia várias escolas de pensamento que trabalham com cosmovisões diferentes sobre o homem e a relação dele com o sagrado. Podemos citar os estoicos e os epicureus, duas classes de pensadores a quem Paulo dirigiu seu discurso no Areópago em Atenas. Percebemos também a presença do gnosticismo, debatendo sobre a essência de Deus e suas formas de manifestação e revelação ao homem. O panteão de Deus gregos/romanos e do neófito Cristianismo, o qual Paulo defendia. Enfim, há uma pluralidade de religiões e condutas religiosas presentes no primeiro século. Muitas delas se mesclando, mesmo o Cristianismo “recém lançado” já enfrentava problemas de sincretismo com outras religiões. Este é o contexto em que Paulo compôs seus escritos, um mundo globalizado a sua maneira, com diversas visões sobre religiosidade convivendo debaixo do mesmo teto romano.

²² BRUCE, F. F. *Paulo, o apóstolo da graça*. São Paulo: Sheed Publicações, 2003, p. 17.

²³ DIAS, Agemir de Carvalho. *Sociologia da Religião. Introdução às teorias Sociológicas sobre o Fenômeno Religioso*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 96.

Os escritos de Paulo

Paulo era um pregador evangelista. Tinha como missão levar a mensagem do evangelho a todos quanto pudesse. Ele fielmente seguiu a ordem de Cristo quanto ao “Ide, pregai o evangelho a toda criatura” (Marcos 16:15). Realizou três grandes viagens missionárias a importantes cidades do império romano. Lá estabeleceu missões evangelísticas para apresentar a fé cristã. Ao partir das cidades onde fixava missões, geralmente deixava algum de seus assistentes, pastoreando a nova congregação. Mas Paulo não perdia contato com os conversos. Constantemente procurava receber informações sobre como eles estavam. Quando julgava necessário, enviava cartas que podiam conter caráter doutrinário, de repreensão, informativo ou apenas cotidiano. Muitas das cartas apresentam todas estas características e, talvez algumas a mais.

Não possuímos as réplicas dos destinatários a Paulo. Por vezes este fato pode nos atrapalhar na compreensão de algumas situações relacionadas ao que Paulo escreveu. Mas se analisarmos apenas as cartas de Paulo, podemos traçar o perfil das comunidades ou pessoas que as receberam. Assim, podemos ter “fotografias” dos destinatários. Nestas podemos analisar, entre outras coisas, os conflitos religiosos que as pessoas a quem Paulo escreveu enfrentavam. E são estes conflitos que analisaremos.

Materiais e métodos

Com o objetivo de verificar se a religiosidade humana tem necessidades e compreensões que se mantêm ao longo dos séculos e avaliar se a religiosidade do homem pós-moderno ainda é a mesma do homem bíblico, faremos uma análise de alguns escritos de Paulo que apresentam informações sobre a religiosidade dos destinatários de suas cartas. Os textos analisados serão o discurso de Paulo em Atos 17, 1 Coríntios 9:19-23, Gálatas 1:6-7, 2 Timóteo 4:3. Faremos uma análise comparativa do contexto dos versículos citados e compararemos estas informações com o perfil do homem pós-moderno, utilizando citações dos autores Bauman (1998), Greuel (2008), Santos (1986), Rabot (2009), Birman (1994), Pierucci, (1997), Prandi (1996) e Melchior (2008).

Comparações entre a Religiosidade do período paulino e do período pós-moderno

O critério utilizado para escolher Paulo como autor foi devido ao fato dele ser considerado um grande evangelista. Alguns de seus escritos têm sido utilizados ao longo dos anos como normativos para a prática evangelizacional. Com relação aos textos escolhidos: Atos 17, Gálatas 1:6-7, 2 Timóteo 4:3, alguns deles tem sido apresentados como base para evangelismo com pessoas pós-modernas e outros nos dão características marcantes da religiosidade do povo da época de Paulo.

Discurso de Paulo em Atenas

Embora o relato de Paulo em Atenas não tenha sido escrito pelo apóstolo, a descrição dos fatos apresentados por Lucas nos ajuda a compreender como Paulo via a religiosidade dos atenienses. Paulo começa seu discurso desta forma: “Senhores atenienses! Em tudo vos vejo acentuadamente religiosos” (Atos 17:22). Aqui temos a introdução do discurso onde o apóstolo ressalta a religiosidade acentuada que os cidadãos da cidade demonstravam. Com certeza a religiosidade do povo ateniense era muito famosa. Champlin declara que: “[...] Os atenienses tinham uma tremenda reputação de devoção religiosa [...] esse espírito de religiosidade, é claro, penetrou em todos os níveis da sociedade... excessiva veneração deles, dos atenienses, pelas coisas religiosas é exposta como um fato”²⁴.

Não foi só pela fama de ser um povo religioso que Paulo chegou a esta conclusão, mas pela quantidade e tipo de altares dedicados aos deuses de Atenas. Um exemplo disto é o trecho em que Paulo fala “Porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO” (Atos 17:23). Além de uma quantidade considerável de santuários e altares construídos por toda Atenas, havia este altar em específico, a que Paulo se refere. É interessante notar que historiadores tem encontrado evidencias, mesmo que não em Atenas, de que o termo escrito neste altar era “aos deuses desconhecidos”, como Champlin apresenta:

Jeronimo, comentando sobre a passagem de Tito 1:12, asseverou que a mesma se encontrava no plural, isto é: *Aos Deuses Desconhecidos*. Isso teria sido apenas natural em Atenas. [...] Uma biografia, escrita por Filostrato (depois de 217 D.C.),

²⁴ CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*, volume 4. São Paulo: Candeia, 1998a, p. 371.

fala-nos sobre altares erigidos em honra a deuses desconhecidos. Uma inscrição, encontrada em Pergamo, em 1909, falava sobre *deuses desconhecidos*²⁵.

Este tipo de adoração era algo comum em Atenas. Poderia representar tanto a adoração a um nenhum deus em específico ou a todos sem distinção. Então, podemos perceber duas características importantes do povo ateniense: sua religiosidade e seu método pluralista de adoração. Sobre a pluralidade de métodos de adoração podemos encontrar seu correlato pós-moderno nas palavras de Greuel:

A pós-modernidade assiste ao ressurgimento da religião com toda a força. [...] As expressões de religiosidade que vemos surgir seguem à risca o caráter pluralista que caracteriza a cultura de nosso tempo. Expressões as mais diversas e até estranhas tornam-se comuns e em nosso cotidiano somos confrontados por elas. Suas representações são as mais diversas: um mosteiro com homens recolhidos e afastados da realidade, se autoflagelando em penitências; pessoas sentadas em roda, na posição de meditação, buscando fazer uma ponte entre seu eu mais profundo e as energias do universo; um auditório repleto de crentes diante de um pastor - mais parecido com um animador de auditório – fazendo promessas para a solução imediata de quaisquer problemas em troca de ofertas financeiras; uma romaria de fiéis que cruzam uma pequena vila à luz de velas, seguindo um santo de devoção ao som de cantigas tristes, ou até mesmo uma mesa, na repartição pública, cheia de cristais, gnomos, fitas e amuletos que visam atrair os bons fluidos e afastar os maus olhados. Por mais estranhas que elas possam parecer, cada uma delas representa a expressão de uma espiritualidade, associada a uma tradição religiosa. Elas são um retrato de como os diferentes grupos humanos assumiram para si a liberdade que a pós-modernidade lhes deu, para se articular e organizar a partir do fim das metanarrativas²⁶.

O altar dedicado “aos deuses desconhecidos” teria como correlato o *dia de todos os santos*²⁷. Esta é uma atividade, um dia, onde todos os santos são homenageados, quase como um ecumenismo composto por várias divindades pertencentes a uma mesma religião. Igualmente, os vários deuses gregos eram homenageados em um mesmo altar dedicado “aos deuses desconhecidos”. Outro exemplo que demonstra várias demonstrações religiosas unidas em um mesmo ponto de adoração é a procissão do dia dos Navegantes. Neste dia são realizadas procissões em agradecimento a Nossa Senhora dos Navegantes e a Iemanjá, sua correlata na religião afro. Tanto a religião afro como a católica se reúnem neste mesmo dia, fazem suas procissões juntos e oferecem suas oferendas em um mesmo lugar. Por via das dúvidas, muitas vezes os participantes fazem suas oferendas para a santa e para Iemanjá.

²⁵ CHAMPLIM, 1998a, p. 371.

²⁶ GREUEL, 2008, p. 28-29.

²⁷ Expressão utilizada pelo Prof. Dr. Paroschi em sala de aula para exemplificar o assunto.

Na plateia de Paulo havia dois grupos distintos de pensadores: os epicureus e os estoicos. Embora seus pontos de vista fossem contrários, conviviam juntos na cidade e estavam unidos contra aquele “falador” judeu. Os epicureus consideravam estátuas e templos como uma abominação²⁸. Isto é um fato curioso, já que Paulo cita que ficara impressionado com os santuários e altares da cidade. Aqui vemos a convivência “pacífica” de compreensões religiosas diferentes. A doutrina dos epicureus também apresentava como ideal supremo “a felicidade pela satisfação dos desejos”²⁹. Muito parecido com o hedonismo que vemos hoje:

O hedonismo – moral do prazer (não de valores) buscada na satisfação aqui e agora – é sua filosofia portátil. E a paixão por si mesmo, a glamurização da sua autoimagem pelo cuidado com a aparência e a informação pessoal, o entregam a um narcisismo militante. É o *neo-individualismo* decorado pelo *narcisismo*³⁰.

Já os estóicos tinham como ideal supremo a “virtude, auto-controle, indiferença e apatia, neutralidade intelectual”³¹. Podemos perceber algumas destas características do pensamento estoico ainda presentes na pós-modernidade. Como a individualismo e a indiferença: Uma vez colocado em uma posição privilegiada o eu relega o outro a uma condição de indiferença, pois as coisas passam a ter prioridade em relação às pessoas e o ser humano organiza sua vida em função de si mesmo e de seus próprios interesses, sem considerar a do outro³². Além desta condição de individualismo, os estoicos tinham uma forte ligação com a Razão como uma forma de compreender o mundo e como norma para tudo. “os estoicos consideravam a Razão norma para tudo (racionalistas, individualistas), a sua maior característica era o orgulho. Resultado: falsa segurança e hipocrisia”³³. Sobre ter a razão como norma, Melchior coloca a racionalidade como uma das características que estão presentes no homem pós-moderno. Para ele o homem pós-moderno apresenta “Uma racionalidade pragmática, onde vale a experiência e se busca compreender sempre melhor a realidade das coisas, a partir dos ditames da razão.”³⁴. Mas essa busca pela razão também tem seus efeitos colaterais. Todo este racionalismo, ao invés

²⁸ PAROSCHI, Wilson. Comparação das Escolas Filosóficas com o Discurso de Paulo no Areópago. Material dado em sala de aula. Engenheiro Coelho: 2014, p. 1.

²⁹ PAROSCHI, 2014, p. 1.

³⁰ SANTOS, Jair Ferreira. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 87.

³¹ PAROSCHI, 2014, p. 1.

³² GREUEL, 2008, p. 16.

³³ PAROSCHI, 2014, p. 1.

³⁴ MELCHIOR, 2009, p. 2.

de apresentar soluções, acaba criando mais dúvidas. A pós-modernidade ainda se vale da razão para estabelecer sua compreensão de mundo, mas agora não existem mais verdades absolutas para que a razão firme seus alicerces. Se na modernidade a razão poderia ser comparada a um edifício solidamente construído sobre verdades concretas, na pós-modernidade a razão poderia ser comparada a um barco navegando num mar de verdades, agora liquidadas. Esta instabilidade e liquidez sobre as quais a razão atual está se apoiando, somadas ao individualismo presente, fez com que Bauman chegasse a conclusão de que o homem pós moderno vive a sombra da incerteza: São as incertezas concentradas na *identidade individual*, em sua construção nunca completa e em seu sempre tentado desmantelamento com o fim de reconstruir-se, que assombram os homens e mulheres modernas, deixando pouco espaço e tempo para as inquietações que procedem da insegurança *ontológica*³⁵.

Assim, concluímos que tanto estoicos quanto epicureus, a seu modo, apresentam faces da filosofia da modernidade líquida em que vivemos. Além disso, a convivência de pontos de vista tão distintos em uma mesma cidade ou ambiente, como no caso do areópago durante o discurso de Paulo, não é uma exclusividade do primeiro século. Estoicos e epicureus tinham formas totalmente distintas de cosmovião. Suas compreensões sobre a vida, e a religiosidade, eram contrárias, mas conviviam “pacificamente” em Atenas. Agora, contra o discurso de Paulo, estavam unidas. Rabot apresenta uma compreensão pós-moderna sobre a convivência e interação de cosmovisões religiosas diferentes, muito semelhante ao comportamento de epicureus e estoicos em Atenas:

A religiosidade pós-moderna consiste então na adesão politeísta dos grupos sociais a uma série de valores que se opõem uns aos outros. É na vivência de valores comumente partilhados que se formam os grupos sociais, que eles se consolidam e se separam mutuamente [...] A pluralidade dos valores constitui assim o melhor e garante da coesão do todo. Nesse contexto, a guerra dos deuses tem que ser encarada como um fenômeno social normal³⁶.

Assim, terminamos este tópico entendendo que a convivência de valores religiosos diferenciados e a pluralidade de expressões religiosas não é uma premissa exclusiva da pós-modernidade. Talvez haja uma permanência de valores e compreensões religiosas nas sociedades, independentemente da época em que vivam.

³⁵ BAUMAN, 1998, p. 221.

³⁶ RABOT, 2009, p. 1.

Gálatas 1:6-7

Paulo, na carta destinada ao povo da Galácia por volta do ano 57, após o prefácio, começa a falar sobre a inconstância dos Gálatas na preservação e prática do evangelho que ele havia apresentado a eles. Esta passagem “para outro evangelho” aconteceu entre os cristãos da Galácia, pois eles estavam dando ouvidos a doutrinas judaizantes de falsos mestres. Estes ensinamentos iam diretamente contra a salvação pela graça ensinada por Paulo. Mas o que chama a atenção é o fato de que esta transição ocorreu “tão depressa”.

O apóstolo na construção do seu raciocínio utiliza um verbo para “indicar migrações de um lugar para outro (Hb 11.5), bem como para alteração na religião e na moral (1Rs 21.25, LXX)”³⁷. Tal termo dá uma noção interessante sobre a migração religiosa que os gálatas estavam realizando. Mas qual o destino desta migração? Paulo fala de um “outro evangelho”. Paulo em suas pregações apresentava o evangelho da justificação mediante a fé no sacrifício de Cristo Jesus. Já os mestres que ensinavam o “outro evangelho” defendiam a salvação mediante as obras e cumprimentos de ritos. Esta concepção era tão diferente daquilo que Paulo ensinava, que o apóstolo nem chegava a reconhecer esta outra doutrina como um evangelho propriamente dito. Segundo Davidson “o chamado evangelho, para o qual os gálatas se estavam voltando de fato não era evangelho, pois existe um único Evangelho”³⁸.

Aqui vemos a migração religiosa entre duas doutrinas pretensamente iguais. Comportamento semelhante também pode ser observado na sociedade atual. A esta forma de agir é dado o nome de transição religiosa. Uma característica marcante da modernidade líquida onde as verdades são mutáveis e adaptáveis às necessidades individuais.

Os movimentos individuais de passagens entre cultos inclui um espaço de interlocução constante, onde encontramos instituídas mediações sociais e simbólicas que tornam possível a dita conversão. Espaço de interlocução que necessariamente possui algo de fluido, de sincrético, já que estará sempre sujeito a reinterpretções constantes feitas por crentes e não crentes, por conversos e céticos. Esse espaço pode, portanto, ser concebido como de passagens num sentido mais amplo: de redefinição de fronteiras, de trocas simbólicas e de

³⁷ DAVIDSON, Francis. *Gálatas: Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 9.

³⁸ DAVIDSON, 2009, p. 9.

elaborações sincréticas, de inovações e de invenções em certa medida e que submete também à mudança os cultos envolvidos³⁹.

Aqui há não só uma mudança de um culto ou compreensão para outro, mas há também um sincretismo nas compreensões religiosas. Os gálatas haviam migrado para um outro evangelho, que se apresentava tão válido ou integrante daquele que Paulo havia apresentado. Este processo de sincretismo não tem uma variável temporal bem definida. Pode levar anos para acontecer ou, como no caso dos gálatas, pode ser muito “depressa”. Parte deste processo é construído através da pluralidade de concepções sobre o que é religiosidade e sobre uma oferta exacerbada de novas religiões:

A forma plural de disseminação do que é tido como religioso com o conseqüente aumento da oferta de opções religiosas, sua diversificação interna e a crescente demanda por essas ofertas, configurando o que vem sendo chamado de trânsito religioso, resulta na autonomização do indivíduo, agora um errante religioso, liberto das amarras da cultura religiosa tradicional⁴⁰.

Esta libertação tem levado seus “nômades” a percorrer pelas mais diversas formas de expressões religiosas. Muitos estudos tem sido feitos para compreender este fenômeno no Brasil. A maioria deles concentra-se nas influências que o neopentecostalismo tem trazido para o cenário religioso. Mas o que indubitavelmente tem se percebido é que o mesmo crente que muda entre as religiões neopentecostais, transita facilmente por expressões diversas, e acaba se encontrando ora no catolicismo, ora no espiritismo, ora no candomblé. Não importa o quão diferentes entre si sejam estes movimentos religiosos. O que importa é a saciedade oferecida momentaneamente por eles.

Talvez uma das coisas mais chocantes a respeito da religião hoje em dia está na facilidade como qualquer um pode mudar de uma para outra sem que o mundo caia (...) no fundo, ninguém está mais muito interessado em defender nenhum *status quo religioso* (...) ir à religião à procura de socorro mágico-religioso virou no Brasil prática comum⁴¹.

Mais uma vez há paralelos entre a religiosidade dos destinatários da carta aos Gálatas e a dos povos da modernidade líquida. Uma rápida transição religiosa, mesmo entre

³⁹ BIRMAN, Patrícia. *Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens*. In: *Religião e sociedade*. 17-1/2. 1994, p. 91.

⁴⁰ PIERUCCI, Antonio Flavio. *Interesses religiosos dos sociólogos da religião*. In: *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 257.

⁴¹ PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Huitec, 1996, p. 67.

expressões totalmente distintas. Assim, percebe-se que o trânsito religioso não é uma exclusividade apenas destes tempos pós-modernos.

2º Timóteo 4:3

Paulo nesta carta pastoral tem como destinatário seu amigo e aprendiz Timóteo. Esta é a segunda carta do apóstolo dedicada a ele. Tal escrito faz parte das chamadas cartas pastorais. Estas cartas têm o objetivo de transmitir instruções sobre o cuidado e responsabilidades que seus destinatários teriam sobre as igrejas que eles supervisionariam. Paulo apresenta vários conselhos, e a partir do capítulo 4 de 2º Timóteo apresenta algumas colocações importantes sobre a fidelidade e zelo na pregação. A partir do versículo 3, Paulo lista algumas atitudes por parte dos membros que Timóteo enfrentaria durante sua prática pastoral. Paulo fala de um tempo em que as pessoas não “suportarão a sã doutrina”. Embora este texto seja aplicado muitas vezes para o tempo do fim (nossos dias), Paulo acreditava que ainda veria estes acontecimentos, ou mais tardar, ainda durante a vida de Timóteo.

Esta atitude de não suportar a que Paulo se referia era resultado da influência do gnosticismo que já permeava algumas comunidades cristãs da época. Percebendo isto o apóstolo apresenta que estas pessoas se afastariam da pura verdade cristã e se cercariam de mestres que falassem aquilo que as agradaria⁴². Somado a isto Paulo fala sobre a entrega deles “às fábulas”. O termo utilizado por Paulo referente ao “entregando-se”, tem nesta ocasião o sentido de “vaguear”, ou seja, mesmo afastando-se da verdade, estes homens não se contentariam em permanecer em outro ponto de vista apenas, eles vagueariam (transitariam) pelas mais diversas expressões religiosas, em busca daquilo que mais os agradasse⁴³.

Estes comportamentos citados por Paulo são muito similares, e até mesmo iguais, a outras atitudes já apresentadas. Encontramos o serviço de “*self-service*” religioso⁴⁴, onde cada um busca para si as expressões religiosas que mais o agradam em cada religião

⁴² CHAMPILM, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*, volume 5. São Paulo: Candeia, 1998b, p. 402.

⁴³ CHAMPLIM, 1998b, p. 402.

⁴⁴ MELCHIOR, 2009, p. 5.

gerando um sincretismo. E há novamente o trânsito religioso onde os crentes vagueiam por diversas expressões, similares entre si ou não, sem o menor embaraço ou culpa.

Considerações Finais

Após analisarmos estes escritos e palavras de Paulo sobre e a seus destinatários, e os compararmos com os conceitos de modernidade líquida e de religiosidade no período pós-moderno, podemos entender que não importa quanto tempo passe, as necessidades religiosas e as formas de expressar sua religiosidade não sofreram grandes alterações no homem. Independentemente de quanto tempo passe e de quais sejam as premissas filosóficas vigentes, o homem apresenta um comportamento estável e previsível no que diz respeito a sua religiosidade.

Muito tem se falado sobre evangelismo para pessoas com pensamento pós-moderno, mas o homem pós-moderno tem os mesmos anseios, desejos e necessidades religiosas que qualquer homem, de qualquer época. A necessidade do homem de encontrar o divino e estabelecer um relacionamento com Deus existe desde que ele fora criado. Depois do pecado esta busca pela experiência de religião com o divino tem tomado caminhos tortuosos. Ao invés de procurar um caminho que o leve para Deus, o homem tem procurado na ciência ou dentro de si tal solução. Esta é uma das características da pós-modernidade. Mas também é uma das características da modernidade, do iluminismo, do período medieval, do paganismo, etc. Quando o homem se desvia de Deus, não importa qual caminho filosófico ele escolhe, o destino final será sempre o vazio existencial. Em segundo lugar, como pregadores cristãos e apresentadores de um evangelho eterno, não só na sua duração, mas na validade de suas premissas, não podemos diluí-lo em meio à filosofia dita pós-moderna e muito menos mergulhá-lo num mundo de verdades líquidas e instáveis. Devemos apresentar esse evangelho tal qual a Bíblia apresenta, sem medo de ser considerado louco ou antiquado. Ao desenvolver o ministério baseado na ordem que Cristo legou, deve-se ter a consciência tranquila de que escolheu-se fazer como Paulo durante seu evangelismo em Corinto, nada mais saber “a não ser Jesus Cristo e este crucificado”.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMGARTEN, Maíra. *Pós Modernidade e Conhecimento – educação, sociedade, ambiente e comportamento humano*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

BIRMAN, Patrícia. *Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens*. In: *Religião e sociedade*. 17-1/2. 1994.

BRUCE, F. F. *Paulo, o apóstolo da graça*. São Paulo: Sheed Publicações, 2003.

CARDOSO, Matheus. *Missão na Pós-Modernidade*. *Missão Pós Moderna: Cristianismo no Mundo Contemporâneo*, 02.05.2013. Disponível em: <http://missaoposmoderna.com.br/missao-na-pos-modernidade/>

CASTIÑEIRAS, Àngel. *A experiência de Deus na Pós-Modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHAMPILM, Russel Norman. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*, volume 4. São Paulo: Candeia, 1998a.

_____. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*, volume 5. São Paulo: Candeia, 1998b.

DAVIDSON, Francis. *Gálatas: Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

DIAS, Agemir de Carvalho. *Sociologia da Religião*. Introdução às teorias Sociológicas sobre o Fenômeno Religioso. São Paulo: Paulinas, 2012.

GRENZ, Stanley. *Pós-Modernismo – Um guia para entender a filosofia de nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GREUEL, Sigolf. *Religião e Religiosidade na Pós-Modernidade*. São Leopoldo, EST, 2008.

MELCHIOR, Marcelo do Nascimento. *A Religião Pós-Moderna em Zygmunt Bauman*. In: XV Simpósio Nacional da Associação Brasileira da História das Religiões, 2009, Goiânia. Anais... Goiânia, UFG, 2009. p. 1-6.

NOVAES, Regina. *Os Jovens “sem religião”*: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. In: *Estudos avançados* 18 (52), 2004.

PAROSCHI, Wilson. *Comparação das Escolas Filosóficas com o Discurso de Paulo no Areópago*. Material dado em sala de aula. Engenheiro Coelho: 2014.

PIERUCCI, Antonio Flavio. *Interesses religiosos dos sociólogos da religião*. In: *Globalização e Religião*. Petrópolis:Vozes, 1997. p. 249-262.

PRANDI, Reginaldo. *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Huitec, 1996.

RABOT, Jean-Martin. *Pós-modernidade e politeísmo de valores*. In: Vº Congresso Português de Sociologia, 2009, Braga. Anais... Braga, Universidade do Minho, 2009, p. 1-6.

REGO, Maria Cristina. *Vygotsky: Uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTOS, Jair Ferreira. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1986.